

1^a Parte

Estudios

O Sagrado e o Profano: A Mulher na Ficção de José Alcides Pinto

Inocência de Melo Filho

INTRODUÇÃO

José Alcides Pinto, poeta e ficcionista cearense, introduziu o Movimento Concretista no Ceará. Enquadra-se no Modernismo. Sua literatura também “se inscreve com muita propriedade no campo do realismo mágico e do terror”.

A ficção de José Alcides Pinto segundo Nelly Novaes Coelho, alimenta-se de erotismo, ascetismo, racionalidade, loucura, morte, ascese, abjeção, violência, mansidão, grandeza, miséria, genialidade, egoísmo, lucidez, delírio, bondade, maldade, amor, ódio, real e imaginário.

Essas ambivalências enriquecem e universalizam as situações diversas na obra de José Alcides Pinto, escritor considerado maldito, por seguir o caminho aberto por Baudelaire e Rimbaud.

Apresentar um estudo que seja capaz de desvendar todos os enigmas da ficção de José Alcides Pinto é um objetivo um tanto quanto pretensioso. Reconhecer a genialidade e o poder de criação deste autor é mais fascinante, e essa fascinação se faz num tom de homenagem.

A mulher, segundo a tradição cultural ocidental e judaico-cristã, apresenta-se como a “pedra de tropeço”, o instrumento do diabo, responsável pela queda do homem no paraíso. Essa visão patriarcal - no passado - e machista - no presente -, cuja ideologia dominante perde-se no próprio tempo, é que tentamos contradizer a partir a ficção de José Alcides Pinto, que nos faz compreender que algumas atitudes de suas personagens femininas não encerram maldição, um tropeço, uma queda, mas uma bênção.

As atitudes das personagens nos romances de José Alcides Pinto, serviram-nos de base, de princípio essencial para determinar-

mos a existência ou a manifestação do sagrado e do profano, contextualizadas dentro do universo das personagens.

Para uma fácil compreensão do sagrado e do profano, basta dizermos que o sagrado é o positivo e o profano é o negativo, ou dizer que o sagrado é real e o profano irreal, mesmo que no espaço vital as duas manifestações se confundam num processo de simbiose. Mas isso não é tudo, é necessário que recorramos aos estudiosos desses assuntos.

Mircea Eliade, no livro *O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões* -, afirma que o sagrado é tudo que transcende, diferenciando o comportamento do homem ao longo de sua história. Numa afirmação conjunta, Mircea nos diz:

A oposição sagrado / profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre o real e o irreal ou pseudo-real. (p. 27)

Rubem Alves, no seu livro *O que é religião* – Coleção Primeiros Passos -, nos diz que o sagrado é o centro do mundo, a origem da ordem, a fonte das normas, a garantia da harmonia, Mircea não se opõe a essa ideologia:

Aliás, as coisas não podiam passar-se de outra maneira, se nos lembrarmos de que o centro é justamente o lugar onde se efetua uma rotura de nível, onde o espaço se torna sagrado, portanto real por excelência. (p. 58)

Mircea supera os argumentos de Rubem Alves no que diz respeito ao sagrado como centro do mundo, apresentando em seu livro, farto material sobre o assunto, abordando-o a partir de princípios históricos e religiosos.

Rubem Alves define de forma conjunta o sagrado e o profano, como fez Mircea anteriormente:

Sagrado e profano não são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes dos homens, coisas, espaço, tempo, pessoas, ações. (pág: 59)

Seja em Rubem Alves ou em Mircea, se faz uma compreensão do que seja sagrado ou profano, pois a ideologia desses autores possui um fim semelhante de estabelecer e propor um conhecimento profundo da religião e dos universos sagrados e profanos.

Adotamos o método interpretativo e analógico, partindo do intrínseco literário, mantendo uma relação intertextual. Por um momento atribuímos aos termos “bem e mal” as significações do sagrado e do profano para expressar uma compreensão simbólica das atitudes das personagens da ficção de José Alcides Pinto.

Convencionamos as siglas EM, SP para referir-nos às seguintes obras: *Estação da Morte* e *Sagrado e Profano*.

Este estudo não abarca toda a ficção de JAP. Constan aqui os romances *Estação da Morte* (1968), *O Enigma* (1974) e *O Sonho* (1974), pertencentes à Trilogia Tempo dos Mortos; *O Dragão* (1987), *Os Verdes Abutres da Colina* (1974), *João Pinto de Maria – Biografia de um louco* (1974) da Trilogia da Maldição; *A Divina Relação do Corpo* (1990) e *Maria Hermínia - Morte e Vida Agoniada* - contos (1988).

1 Significações do sagrado e do profano em Alda e Iolanda

O romance *Estação da Morte* apossa-se de narrativas breves, se desenvolve num ambiente adequado, um hospital, onde se questiona a vida e a morte, problemas políticos e sociais. É marcante a constante inaceitação da idéia de morte.

No romance, Alda e Iolanda mostram-se definidas, são presenças constantes na vida de Artur. Ambas as personagens nos conduzem à visibilidade do sagrado e do profano.

Alda, não resistindo à sedução do médico de seu esposo, entrega-se num ímpeto de prazeres e grunhidos, na presença do marido moribundo. Alda dessacraliza o que outrora era sacramento:

Atiram-me o lençol na cara.
- Pronto, se era por isso...
- Cínicos!

A canção no rádio de cabeceira. O estalar das articulações. Os gemidos.

(p. 18)

O Corpo é o meio, a atitude é o fim. O sexo também é um meio, movido por uma ação des-ritualizada, dessacraliza, assegura uma provocação, um desafio ao sagrado. O sexo em si não é profano, mas o ato de se quebrar uma promessa de fidelidade aos pés do altar.

O fato de o casal transgressor cobrir o rosto do moribundo com o lençol, concretiza outra atitude profana. O rosto tampado, coberto, encontra-se impossibilitado de ver qualquer gesto ou qualquer atitude.

Alda e sua falta de noção do ridículo, sua indiferença, suas atitudes cínicas, debochadas, geraram em Artur revolta e ódio. Essas atitudes, somadas a outras, testemunham o seu universo profano:

*Volto a odiá-la. Cada dia nos distanciamos.
Cada dia nos tornamos inimigos. Alda é, sobretudo,
desprezível.*

(p. 145)

Se Alda é a razão de morte para Artur, Iolanda surge para significar a vida. Outra possibilidade de felicidade. A aparição de Iolanda completa a simbologia do bem e do mal, que traz em sua essência o sagrado e o profano:

*Mas Alda poderia tornar-me um suicida ou assassino.
Iolanda surgiu no meu caminho como a estrela do pas-
tor. Iolanda: espelho de boa luz, nítido reflexo, anjo da
guarda.*

(p. 145)

Agora predomina o desejo de vida eterna. Artur tem novos planos, preocupa-se com o futuro de Iolanda, não quer vê-la “colhendo urina”, esfregando o assoalho, limpando bidês, a vida toda:

*Preocupo-me com minha doença. Preocupo-me com o
meu futuro o futuro de Iolanda. Se não for uma úlcera...*

(p. 67)

Isso será por pouco tempo arranjurei um emprego decente para Iolanda, logo que deixe o hospital.

(p. 64)

Iolanda amplia os limites de seu universo sagrado, fazendo renascer em Artur ilusões necessárias à vida. Agora, Artur sonha, faz planos, quer viver, quer ficar bom, deseja sair do hospital.

O perdão é uma das molas do cristianismo. Pedir perdão e perdoar são duas atitudes dignificantes, humildes, que geram uma paz interior recíproca. Essas atitudes, aparentemente sagradas, podem conter outras significações.

Quando Alda pediu perdão a Artur, pensou-se numa possível ambigüidade, com possibilidades de estabelecer uma reviravolta, mas nada disso aconteceu. Essa nova atitude de Alda não a modificou em nada, o que nos permite fazer uma analogia:

Podemos comparar Maria Madalena, a meretriz do Evangelho à Alda, esposa de Artur? Não seguiremos o fio desse raciocínio, o que nos interessa é apenas um momento semelhante que ocorreu na vida das duas: o momento do perdão. Ambas as mulheres foram perdoadas, Madalena por Jesus e Alda por Artur. A diferença predominante se encontra nas atitudes: Alda pede perdão nas vésperas da operação do marido, temendo que ele venha a morrer. Não quer ficar com remorsos por tudo o que lhe fez no passado.

Maria Madalena, encontra-se diante de uma realidade bem diferente. O perdão que ela deseja é absolutamente ilimitado, vai além da consciência. Maria Madalena pede perdão para não mais pecar, para fazer-se pura, enquanto Alda pede perdão para descarregar a consciência, continuando impura.

A Morte de Artur perpetuaria o drama de consciência de Alda. Iria condená-la ao suplício do monólogo eterno, ou seja, ela teria que ruminar seu próprio drama, numa espécie de auto flagelação. Mas Artur sobrevive à operação. Pressupõe-se que agora Alda poderá conviver em harmonia com sua consciência.

2 O mistério de Joana e Rosa...

No romance *O Enigma*, todas as personagens possuem um mistério. Joana partilhou o seu com Geórgia, e esta a morte levou. O mistério de Joana morreu com Geórgia?

Joana certamente sabia que os mortos guardam segredos, mas é prudente confiá-los aos deuses. Geórgia poderia revelar o seu mistério aos ventos ou aos outros mortos. Estas possibilidades preocupam Joana, que só tem uma opção para contornar o problema: vigiar Geórgia, ou seja, fazer algo capaz de silenciá-la.

Como silenciar Geórgia? Como ela se encontra em outra dimensão há apenas uma arma que pode silenciá-la, e esta arma chama-se Oração. Orar em favor do segredo e não da alma de Geórgia, isso é que é profano na atitude sagrada que é a oração.

De todas as personagens femininas contidas na Trilogia Tempo dos Mortos, apenas Joana expressa atitudes sagradas, advindas de ações religiosas, portadoras de causas profanas.

Rosa Cornélio de Jesus é personagem do romance *Os Verdes Abutres da Colina*, que pertence à Trilogia da Maldição. Rosa é uma mulher de oração. Ora com fins e objetivos bem diferentes dos de Joana. A prática de oração de Rosa tem uma postura particular e coletiva, ou seja, ao mesmo tempo que ora para si mesma, ora para a coletividade. Por fim, sua oração se transforma num instrumento de salvação particular:

O ar ainda estava carregado de fagulhas, quando uma figura de mulher emergiu da cinza dos escombros como a fênix da lenda. Era Rosa Cornélio de Jesus, a matriarca, procurando equilíbrio nas pernas trôpegas e dormentes, a cruz do frei Vidal da Penha levantada para o céu em toda a extensão do braço. Talvez já houvesse completado cento e cinqüenta anos, ou ultrapassasse essa idade. E logo uma grande paz se fez sobre os escombros.

(*Os Verdes Abutres da Colina* – p. 99).

Neste caso, a questão do sagrado se esclarece na sua totalidade, nos objetivos e nas atitudes de Rosa, que surge gloriosa, sobrevivendo além dos escombros.

3 Indiferença sagrada e Indiferença profana

O romance *O Sonho*, encerra a Trilogia Tempo dos Mortos. Apresenta narrativas breves, de natureza semelhante as que existem no romance *Estação da Morte*, primeiro livro da Trilogia.

Nara e Débora, personagens do romance, são uma só. Concluem uma unidade. É imprescindível essa duplicidade, apesar do reconhecimento da existência da unidade. A dualidade garante a segurança e a vida de Nara, por ter “idéias subversivas”.

Débora usa de indiferença para com o novato do quarto que pertenceu ao Dr. Braz, por saber que ele conhecia a extremidade de sua bondade. Ela precisava continuar no hospital, sem deixar seu ideal perigoso, subversivo. O sigilo era necessário, a indiferença foi necessária, e não intencional.

Débora era uma militante do Partido Comunista, numa sociedade onde o comunismo era visto como a “profanação” da soberania nacional, do poder público estabelecido. Portanto, a indiferença de Débora, nada mais era do que um invólucro, portanto, sua atitude não a torna profana:

É uma moça muito boa, esta; e já arranjou até um emprego para, minha filha. E eu nada tenho em comum com a ideologia. Foi um ato de extrema bondade.

(*O Sonho* – p. 74)

A indiferença da viúva e da filha do Dr. Braz, se concretiza a partir de uma realidade psicológica. Ambas as mulheres esgotam-se diante da doença duradoura, da ironia e da indiferença do Dr. Braz, que mesmo depois de morto, deixa transparecer seu riso irônico, num dos cantos da boca.

Na ocasião do velório, é possível que a viúva e a filha tenham pensado: “por que se há de prantear defunto tão insolente?”. Quando se fez noite, a filha adormeceu e a viúva continuou em vigília, “não por um dever, mas porque o frio a impede de dormir”.

Essas indiferenças presentes nas atitudes da esposa e da filha do Dr. Braz, não nasceram da crueldade que elas venham a ter,

inserindo todos num mesmo contexto. Compreendemos que elas agem assim para se sentirem recompensadas por tudo que sofreram.

A indiferença visível nas atitudes de Alda, no romance *Estação da Morte*, difere das demais aqui mencionadas, por se tratar de uma indiferença intencional, com capacidade de produzir ódio e desespero.

É nessa diferença de indiferenças que subsiste a existência do sagrado e do profano, permitindo-nos fazer distinções através das atitudes das personagens.

4 Loló e seu “Grupo” - Sagrada ou Profana?

Loló é personagem do romance *O Dragão*, que inicia a Trilogia da Maldição. Loló, segundo o autor, é uma mulherona sangüínea, valente como uma galinha indiana. Encabeçava um grupo de mulheres que pretendia expulsar duas prostitutas que estavam impesando os homens de doenças no povoado do Alto dos Angicos. Ninguém tomava uma providência. O delegado já contava com setenta e tantos anos. Quando surgia uma confusão se trancava a sete chaves.

Loló e seu grupo foram ao rio, onde as duas meretrizes tomavam banho, “apossaram-se das roupas, piaram-nas com cordas de tucum e tocaram-nas despidas até a rua”. Esta atitude tomada pelo grupo de Loló repercutiu muito, transformando-as em representantes da ordem, da lei e da moral. Agora, elas “eram os homens do lugar”.

Para muitos, essa atitude foi um espetáculo deprimente, para outros, foi o princípio da justiça que nascia das próprias mãos. O grupo de Loló, continuou na defesa da moral. O êxito foi tanto que até o padre Tibúrcio ficou de encarregá-las de uma missão: dar fim num macaco que realizava atos obscenos quando via as moças.

Guardando as devidas proporções, as atitudes desenvolvidas por Loló, o seu grupo, possuem a mesma substância da atitude tomada por Jesus no templo, quando pessoas o transformavam em um mercado. Ele estabeleceu a moral, o respeito, tanto quanto Loló e seu grupo, no Alto dos Angicos, povoado em que residiam. Vale salientar que no templo fazia-se o comércio e a venda de objetos,

enquanto que no povoado, as meretrizes eram os objetos do “ comércio “, e vendiam o próprio corpo.

Analisemos agora o sagrado e o profano nas atitudes do grupo de Loló. A compreensão do que seja sagrado, se manifesta nos princípios por elas defendidos. O respeito e a moral. Moral social e familiar, que difere da moral a que Jesus se apegou para expulsar os vendilhões do templo.

Por outro lado, dentro de uma sociedade patriarcal e tradicionalista, Loló e o seu grupo, caem nas malhas do profano, por assumirem uma postura recomendada somente aos homens.

Longe das estruturas patriarcais, Loló e seu grupo ficam isentas do que vem a ser profano, pois se faz uma nova compreensão nessa era, que permite que a atitude se faça a partir de uma ocasião ou de uma necessidade, por homens e mulheres, para que uma sociedade seja melhor.

4.1 Raimunda Amarante...

Raimunda Amarante se mostra em *O Dragão*, desprovida nas descrições como personagem físico. O autor não se apegou a esse detalhe. Essa prática não eliminou os méritos da personagem, intensificou ainda mais o mistério que reside nela. No romance, Raimunda Amarante permite que o narrador e o padre Tibúrcio anunciem a sua existência.

O que sabemos de Raimunda Amarante é muito pouco, embora seja o suficiente para compreendermos a manifestação do profano nas suas atitudes. O padre Tibúrcio e a voz do narrador disseram o bastante para percebermos a presença do bem em Loló e em seu grupo, e a presença do mal em Raimunda Amarante. Os termos bem e mal aqui mencionados, surgem para expressar a existência do sagrado e do profano nas atitudes das personagens.

Os habitantes do Alto dos Angicos acreditavam no poder que tinha a “boca de praga” de Raimunda Amarante. Eles diziam que sua “boca amaldiçoada” impedia o povoado de prosperar. Ao verem uma nuvem de poeira encinzentando o horizonte, acompanhada por uma ventania que devorava tudo, certificaram-se de que era o fim do mundo, e atribuíram esse feito a Raimunda Amarante.

No momento em que essas coisas se davam no povoado, o padre Tibúrcio que se encontrava em Santana no Acaraú, “pode fazer uma idéia da desgraça que ia pelo Alto”. Lembrou-se da “boca de praga” de Raimunda Amarante, e culpou-a também.

Agora, tanto o povo quanto o padre acreditam que a nuvem de poeira que encinzentava o horizonte e a ventania furiosa surgiram por causa das pragas de Raimunda Amarante. Padre Tibúrcio montou em seu cavalo e se destinou ao povoado. No caminho, refletindo, compreendeu que tudo o que tinha observado no céu, não era praga de um ser mortal, mas um castigo de Deus para que os habitantes do Alto deixassem a preguiça, a imoralidade e se convertessem.

Dessa forma, padre Tibúrcio redime-se da afirmação e do reconhecimento do profano existente em Raimunda Amarante. Em Raimunda Amarante, literalmente, a sua boca fala do que está cheio o seu coração: maldições e imprecções contra o povo do Alto nos Angicos.

4.2 Tia Chiquinha - A Serva Sagrada

Tia Chiquinha, personagem de *O Dragão*, não possuía a valentia de Loló, nem a boca profana de Raimunda Amarante. Ela é ímpar, dona de um universo que descarta a possibilidade de uma comparação. Tia Chiquinha era uma humilde serva.

Era zeladora da igreja do povoado de Alto dos Angicos. Sempre que padre Tibúrcio vinha ao povoado para conversar com o povo, ou realizar celebrações, passava antes em sua casa, tomava café com tapioca, conversavam, depois é que ele se destinava aos seus afazeres.

Havia muitas mulheres no povoado, qualquer uma delas poderia zelar a igreja, e oferecer conforto ao padre. Dentre tantas, Tia Chiquinha foi a escolhida. Ela era diferente das demais e sabia que a realização daquela tarefa exigia mais que boa vontade e força física. É nessa diferença que reside o princípio do sagrado. A manifestação do sagrado em Tia Chiquinha, se dá no seu cotidiano, ao zelar pela igreja e pelo padre.

É necessário que se diga que a presença do sagrado nas atitudes de Tia Chiquinha e Loló, se realizam a partir de realidades

diferentes, embora ambas as atitudes tenham bases e fundamentos no cristianismo. Dá-se, aqui, outra diferença quanto ao sagrado que envolve as duas mulheres: a manifestação do sagrado em Loló é extremamente social, quanto em Tia Chiquinha o sagrado se dá num clima de religiosidade.

Tia Chiquinha realizava todas as suas tarefas com o espírito desprendido. A sua vocação era a predestinação de sua vida terrena, levando-a a servir. E é justamente a sua condição de serva humilde que a coloca num patamar acima das outras mulheres do povoado, que poderiam, da mesma forma, zelar pela igreja e pela vida do padre, sem no entanto encarnar a condição transcendental da serva cristã, de Tia Chiquinha.

5 A Personificação do Sagrado e do Profano

O Cel. Antonio José Antunes é personagem do romance *Os Verdes Abutres da Colina*. Fundou o povoado do Alto dos Angicos - São Francisco do Estreito. Após a morte do Cel., as coisas se desmantelaram, se transformaram, “era como se ele fosse o centro de gravitação da mente do povo. As pessoas eram como se fossem de outros planetas, o conhecimento dos velhos desaparecera e a mente da nova geração era perra e embotada”.

Diziam no povoado que o Cel. “tinha o diabo no couro”. O Cel. estava morto, mas o diabo que residia no seu corpo estava vivo e latente no ar do tempo, e em todos do lugar. Essas esquisitices ou anormalidades, aconteciam sempre após um progresso. O Cel., em vida, presenciou um desses momentos, quando o padre Anastácio Frutuoso da Frota era pároco do povoado. Tudo ficou mais complexo depois da morte do garanhão luso, termo atribuído ao Cel. por ter-se deitado com muitas mulheres e ter tido muitos filhos e também por ser português e conquistador.

Não havendo mais mente que prestasse no povoado, tudo se encontrava em absoluto estado de desequilíbrio. As mulheres adultas viraram crianças, urinando de pé ao pé do tamarindo, como os animais. Os homens catando pulgas nos cós das ceroulas a barguilha por abotoar, cuspidno para cima... As meretrizes do lugar não vali-

am um xenxém. Corriam nuas no quadro das ruas, como as éguas no campo.

Para as meretrizes do lugar, suas atitudes não são decentes nem imorais; elas não dispõem de consciência para distinguir o certo do errado. Nêm o povo do lugar, pois todos se encontravam inseridos no mesmo contexto.

Não havendo nenhuma forma de consciência no povoado, o padre Araken da Frota assume a personificação do sagrado, e o Cel., assume a personificação do profano.

6 Maria Hermínia - O “Messias” do Sertão

Maria Hermínia é personagem central da novela intitulada *Senhora Maria Hermínia - Morte e Vida Agoniada*. Maria Hermínia mora em cima de um jumento, o qual a conduz a “Pernambuco de Ouricuri”.

Os habitantes de Pernambuco de Ouricuri e Bodocó e de tantos outros lugares, carecem do seus conselhos e informações.

No sertão de Pernambuco de Ouricuri tudo é inacessível, principalmente o acesso à informação. Maria Hermínia costuma dizer que Pernambuco de Ouricuri é o seu “reino”. Moram lá os seus filhos, netos, amigos. Ela os assume e dedica-se a todos como se fosse uma sacerdotisa. Visita-os nos momentos de dor e dificuldades, aconselha-os para que vivam melhor no mundo e fala-lhes de tudo o que se passa nas redondezas.

Maria Hermínia é o “Messias” do sertão. Sua missão consiste de ser “alimentadeira de almas”, cuidar de mulheres viúvas de homens vivos que foram para São Paulo e não deram mais notícias, amaldiçoar e excomungar os que usam de infidelidade para com as esposas e que praticam injustiças.

Maria Hermínia é sagrada não só porque anda montada e mora sobre um jumento de nome homônimo ao de São Benedito, que é muito cultuado pelos nordestinos. No Nordeste o jumento é um animal sagrado, mas não é ele que sacraliza Maria Hermínia. O que a sacraliza são as suas atitudes cotidianas, pautadas no amor pelo próximo.

Maria Hermínia, movida por motivos diversos, faz-se “homem” para manter a harmonia no sertão de Pernambuco de Ouricuri. No Nordeste, é natural as mulheres terem esse tipo de postura: a seca impõe-se, expulsa os homens para São Paulo, sem piedade. Apenas as mulheres ficam. Em Pernambuco de Ouricuri, as mulheres ficam com seus lamentos, carecendo de uma força sobrenatural para sobreviverem ante a solidão e a miséria.

Essa força reside em Maria Hermínia, que é cheia de graça e se doa, e peregrina, levando a todos a boa-nova, que consiste em animar as mulheres na fé e na esperança da chegada do bom tempo, e no retorno de seus homens.

Não é necessário agora reafirmar o poder do sagrado ou as manifestações do sagrado nas atitudes cotidianas de Maria Hermínia. Já estamos convencidos. É prudente compreendermos que essas atitudes numa sociedade tipicamente patriarcal como é a sociedade nordestina, tornam-se profanas.

Há nisso um paradoxo: Maria Hermínia é profana porque é sagrada. Numa sociedade patriarcal, o homem é que toma todas as decisões. Maria Hermínia é a “patriarca” do lugar, todas as decisões giram em torno de sua órbita. Longe dos valores patriarcais, a sentença do profano em Maria Hermínia, não prevalece.

A manifestação do poder e da presença do sagrado em Maria Hermínia abrange formas mais intensas, fazendo-a superior às demais personagens aqui mencionadas.

Maria Hermínia, ao invés de guardar para si o dinheiro que ganhou do beato José Lourenço, sacraliza-o, comprando Pernambuco de Ouricuri, para que todos morem lá gratuitamente. Além disso, torna-se mãe, amiga e sacerdotisa para o bem-estar de todos.

Providencia a volta dos homens que foram para São Paulo por causa da seca, e avisa-os da “chegada do bom tempo”. Organiza também encontro dos cangaceiros com suas esposas e filhos, que os esperavam ansiosamente por anos a fio. Consegue convencer os policiais a não importunarem os cangaceiros. Desvia o bando de ciganos do povoado para que eles não roubem nada por lá nem seduzam as mulheres “viúvas de homens vivos”.

Auto-afirma-se o poder do sagrado em Maria Hermínia quando Antonio Alvina pede-lhe a bênção. Essa atitude do sargento,

uma autoridade constituída é suficiente para compreendermos a dimensão do poder exercido por Maria Hermínia, o qual fundamenta-se no diálogo e na persuasão.

A aparição de Maria Hermínia em Pernambuco do Ouricuri se dá quando a esperam ou quando não a esperam. Sua chegada não causa inconveniência, pois sua presença faz-se imprescindível a qualquer hora. A causa dessa espera constante por Maria Hermínia deve-se ao fato dela ser portadora da “Boa-Nova”, a qual redime e dá coragem para viver.

A “boa-nova” de Maria Hermínia destina-se a todos do lugar, e centraliza-se em dois princípios básicos: organizar a vida dos homens na terra e organizar a vida dos homens para o céu.

“A missão de dor” de Maria Hermínia é semelhante à missão de dor de Jesus Cristo. Ambas defendem a mesma causa: estabelecer a liberdade que redime o homem e o conduz para o céu. A abrangência das duas mensagens é universal, embora haja um particularismo em cada uma, que se nutre de épocas históricas diferentes, embora em contextos sociais semelhantes.

7 Iolanda...

Iolanda é personagem do romance *A Divina Relação do Corpo*. Ela ficou sem domínio de si mesma, no seu encontro com José, que tinha o dom da sedução. As mulheres o amavam mesmo quando recebiam pouco afeto. “Suas antigas namoradas não lhe guardavam rancor, pelo contrário, continuavam amando-o cada vez mais.”

Iolanda era uma viúva. Em conversa disse a José que depois da morte do marido, “há quatro anos, nunca mais tinha conhecido “um homem”. José deu-lhe um tapa por acreditar que ela estava mentindo. Suas primeiras impressões ou seu suposto amor sofreram arranhões, para José. Iolanda será sempre a expressão da “invalidade da mentira”, sem chances de tê-lo de novo.

A face de Iolanda guardou a lembrança do tapa que José lhe dera, como se fosse a recordação de uma música ou de um cheiro de perfume. “O amor tem dessas singularidades”, que no caso de Iolanda só lhe serve para ampliar a ingenuidade.

Os melhores dias chegaram para Iolanda, ela foi readmitida no banco, veste-se melhor, usa jóias raras. Agora tudo é felicidade, e “ela lembrou-se de dividi-la com José”. Iolanda ainda o ama apesar do pouco tempo que passaram juntos. Só lhe falta José para que a sua felicidade seja completa.

Iolanda foi ao encontro de José de forma inesperada, “na esperança de resgatá-lo para seu coração para todo o sempre”. Neste encontro tentou explicar seu arrependimento, disse que nunca mais mentiria, mas José não consegue vê-la fora do “jogo da mentira”.

A nova aparência de Iolanda, o emprego assegurado, o arrependimento, não conseguiram mudar os sentimentos de José. Iolanda certificou-se de que voltaria para casa sem reconciliar-se com ele.

Foi nesse momento de certeza que a fantasia de Iolanda envolvendo José, seu objeto sagrado, desmoronou, e o amor que ela sentia, recebeu de forma mágica e surpreendente um cheiro impregnado de excremento. Agora, não só o amor cheira a excremento, mas também suas mãos e tudo o que está à sua volta.

As expectativas de Iolanda não se realizaram devido ao desamor de José, ou seja, o amor não correspondido. Há agora uma nova realidade que sela o destino de Iolanda, permitindo-lhe compreender “ que o excremento é o elemento básico da composição do amor”.

Iolanda não diferencia seu amor por José, do amor de Deus pela humanidade. Para ela, todas as formas de amor são iguais em composição, sendo o excremento o elemento básico. Este conceito unificador dessacraliza o Deus dos cristãos e a moralidade do cristianismo que se fundamentam no amor.

O amor divino e o amor humano são dessacralizados de forma simbólica, num processo de simbiose que estabelece uma relação, onde deve prevalecer a unidade que conduz ambos os amores a um mesmo fim escatológico.

Conclusão

O presente estudo chega ao fim, mas não esgota a possibilidade de se estudar o sagrado e o profano na ficção de José Alcides Pinto, a partir de outras realidades.

Interpretamos e analisamos a partir de uma relação intertextual e analógica, as atitudes das personagens que expressavam repercussões mais intensas, com dimensões interiores e exteriores. Não depreciamos a existência das causas que precedem as atitudes. Simplesmente demos ênfase às atitudes de cada personagem, por elas conterem e expressarem repercussões maiores.

As personagens femininas mencionadas nesse estudo distinguem-se pelas suas atitudes sagradas ou profanas. Essas distinções se fazem, partindo da oposição constante que existe entre o sagrado e o profano. As atitudes de Alda e Iolanda, no romance *Estação da Morte*, se inserem nesse contexto.

O sagrado e o profano são dois mundos opostos, divididos na ficção e na realidade dos homens. As coisas sagradas se manifestam vestidas com o manto do respeito, sendo “quase sempre uma característica de tabu”. As coisas profanas se mostram sem proibições, ou seja, desprovidas do respeito.

O sagrado é o centro do mundo, trazendo esta afirmação de Rubem Alves para a realidade de Maria Hermínia, personagem central do livro de contos *Maria Hermínia - Morte e Vida Agoniada*, compreendemos que Pernambuco de Ouricuri é o seu mundo e o seu centro, onde se efetua o espaço sagrado, transformando-a em a “origem da ordem”, que assegura aos que moram lá uma garantia de harmonia.

As personagens de José Alcides Pinto donas de atitudes sagradas ou profanas, mostram-se coerentes em suas posturas perante a sociedade. Sendo elas sagradas ou profanas, estabelecem uma luta que visa transformar valores sociais e ideológicos.

A mulher na ficção de José Alcides Pinto, já percebeu o alvorecer de um novo tempo, que se destina ao matriarcalismo. Por terem essa consciência, acreditam no fim da sociedade patriarcal e tradicionalista que oprime. A sua ficção talvez não pretenda contradizer a ideologia patriarcal e tradicionalista que oprime suas personagens na sociedade em que elas vivem, apenas não concorda nem compactua com essa ideologia estabelecida.

Vale salientar que os termos - bem e mal - contêm significações sagradas e profanas. Nos apegamos a essa prática para esclare-

cer de forma simbólica a manifestação do sagrado e do profano nas atitudes das suas personagens.

Resta-nos agora uma experiência intrinsecamente literária, calcada na ficção de um dos maiores escritores do Ceará, e por que não dizer, do Brasil...

Bibliografia

- ALVES, Rubem Azevedo. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 1990.
- BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher: psicanálise e telepatia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- LOPES, Carlos. *A voz interior em José Alcides Pinto*. Fortaleza, 1990.
- MELO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural, iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o profano : a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil,
- MONTEIRO, José Lemos. *O universo místico de José Alcides Pinto*. Fortaleza: UFC, 1987.
- MONTEIRO, Marli Piva. *Feminilidade : o perigo do prazer*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MORAES, Eliane Robert, LOPES, Sandra Maria. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PINTO, José Alcides. *A Estação da morte*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.
- . *O Enigma*. Fortaleza: Imp. Universitária, 1974.
- . *O Sonho*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1974.
- . *O Dragão*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- . *Os verdes abutres da colina*. s. L.: Ed. Americana, 1974.
- . *A Divina relação do corpo*. Fortaleza : Ed. do Autor, 1990.S

- ___ . *Senhora Maria Hermínia: morte e vida agoniada*. Fortaleza: IOCE, 1988.
- SEABRA, Zelita, MUSZKAT, Malvina. *Identidade feminina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SILVA, Nilze Costa e. *Mulheres de papel*. Fortaleza: s.n., 1987.